

**MOÇAMBIQUE ZUMBI DOS PALMARES:
AUTODETERMINAÇÃO E EMPREENDIMENTO
AFRODIASPÓRICO**

*MOZAMBIQUE ZUMBI DOS PALMARES: SELF-
DETERMINATION AND AFRODIASPORIC ENTERPRISE*

*MOZAMBIQUE ZUMBI DOS PALMARES:
AUTODETERMINACIÓN Y EMPRESA AFRODIASPÓRICA*

Maycol Douglas Lima da Silva¹ ORCID: 0009-0002-8271-2716

Denio Santos Azevedo² ORCID: 0000-0003-4459-7745

1 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil –
maycoleduc@gmail.com

2 Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, Sergipe, Brasil –
denio_azevedo@yahoo.com.br

Resumo:

Neste artigo, buscamos caracterizar e analisar o Quilombo do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares a partir do conceito de Quilombo formulado por autores afrocentrados e pela experiência antropológica de vivência entre os anos de 2015 e 2020. Os moçambiqueiros se apresentam como herdeiros das tradições afro-bantas na diáspora brasileira. A manifestação do Moçambique, por sua vez, enquanto expressão afro-religiosa, se apresenta em forma de dança, de elementos característicos e também como uma filosofia de vida dentro dos círculos das celebrações das Congadas. No que se refere à comunidade estudada, foi possível observar uma trama de estratégias afrocentradas que objetivam a manutenção, a invenção e a reinvenção de uma cosmopercepção diaspórica. Isso pode ser exemplificado nos Quilombeiros, entidades próprias da comunidade, assim como na forma com que os membros se relacionam entre si e com o sagrado.

Palavras-chave: Quilombo. Terno de Moçambique. Zumbi dos Palmares.

Abstract:

In this article, we aim to characterize and analyze the Quilombo of Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, based on the concept of Quilombo formulated by Afrocentric authors and through the anthropological experience of living between 2015 and 2020. The moçambiqueiros present themselves as heirs of Afro-Bantu traditions in the Brazilian diaspora. The manifestation of Moçambique, as an Afro-religious expression, is represented through dance, characteristic elements, and also as a philosophy of life within the circles of Congadas celebrations. Regarding the studied community, it was possible to observe a network of Afrocentric strategies aimed at maintaining, inventing, and reinventing a diasporic cosmoperception. This can be exemplified by the Quilombeiros, entities unique to the community, as well as in the way members relate to each other and the sacred.

Keywords: Quilombo. Terno de Moçambique. Zumbi dos Palmares.

Resumen:

En este artículo buscamos caracterizar y analizar el Quilombo do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares a partir del concepto de Quilombo formulado por autores afrocéntricos y la experiencia antropológica de vivir entre los años 2015 y 2020. Los mozambiqueños se presentan como herederos de las tradiciones afro-bantas en la diáspora brasileña. La manifestación de Mozambique, a su vez, como expresión afroreligiosa, se presenta en forma de danza, elementos característicos y también como una filosofía de vida dentro de los círculos de celebraciones de las Congadas. Con respecto a la comunidad estudiada, fue posible observar una red de estrategias afrocéntricas que apuntan a mantener, inventar y reinventar una cosmopercepción diaspórica. Esto se puede ejemplificar en los Quilombeiros, entidades específicas de la comunidad, así como en la forma en que los miembros se relacionan entre sí y con lo sagrado.

Palabras clave: Quilombo. Traje de Mozambique. Zumbi dos Palmares.

Introdução

O conceito de quilombo, ao longo da história brasileira, tem sido reinterpretado e ressignificado, ganhando novas dimensões tanto no campo político quanto cultural e espiritual. Reconhecido oficialmente pela Constituição Federal de 1988, o quilombo deixou de ser apenas um símbolo da resistência de escravizados e passou a representar uma forma dinâmica de organização social afrodiaspórica. Este artigo busca aprofundar a análise do Quilombo do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, em Uberaba (MG),

enquanto um exemplo contemporâneo de resistência cultural e autossustentabilidade afrocentrada.

Por meio de uma perspectiva antropológica, este trabalho explora as tradições afro-bantas incorporadas pela comunidade, a cosmopercepção que fundamenta suas práticas culturais e espirituais e os desafios enfrentados para a preservação de sua identidade. Os integrantes do Terno de Moçambique, com sua filosofia singular e organização social baseada em ancestralidade e solidariedade, ilustram a capacidade dos quilombos urbanos de criar e recriar significados, adaptando-se às demandas do presente sem perder suas raízes históricas.

A análise proposta considera não apenas os aspectos simbólicos e religiosos do Terno de Moçambique, mas também suas práticas cotidianas, como o Batismo no Quilombo e as redes de apoio mútuo, que evidenciam o papel do quilombo enquanto espaço de resignificação e luta contra a subalternização. Nesse sentido, o presente estudo dialoga com a história, a antropologia e os desafios contemporâneos das comunidades afro-brasileiras, ressaltando a importância do quilombo como uma instituição viva e pulsante na construção da cidadania e da resistência negra.

Quilombo - da cristalização à resignificação

No ano de 1988, foi promulgada a Constituição Federal que ficaria conhecida como a Constituição Cidadã, a qual representou um grande momento de esperança para aqueles que sonhavam com uma nação mais plural. Nela, destacamos o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT, o qual declara: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado remitir-lhes os títulos respectivos” (Brasil, 1988). O direito à propriedade fundiária, apesar de uma vitória para uma pequena parcela da população afrodescendente, se constitui como um passo tímido na resolução de um profundo problema que permeia a questão agrária no Brasil. No passado:

Com a liberação dos trabalhadores escravizados – oficialmente pela Lei Áurea, de 1888 – e, ao mesmo tempo, com o impedimento de os mesmos se transformarem em camponeses, quase dois milhões de adultos ex-escravos saem das fazendas, das senzalas, abandonando o trabalho agrícola, e se dirigem para as cidades, em busca de alguma alternativa de sobrevivência, agora vendendo “livremente” sua força de

trabalho. Como ex-escravos, pobres, literalmente despossuídos de qualquer bem, resta-lhes a única alternativa de buscar sua sobrevivência nas cidades portuárias onde pelo menos havia trabalho que exigia apenas força física: carregar e descarregar navio. E, pela mesma lei de terras, eles foram impedidos de se apossar de terrenos e, assim, de construir suas moradias: os melhores terrenos nas cidades já eram propriedade privada dos capitalistas, dos comerciantes etc. Esses trabalhadores negros foram, então, à busca do resto, dos piores terrenos, nas regiões íngremes, nos morros, ou nos manguezais, que não interessavam ao capitalista (Stedile, 2011, P. 24).

Esse processo se constitui como marco inaugural das favelas nos grandes centros urbanos. O reconhecimento dos remanescentes dos quilombos, apesar de não contemplar toda a população afrodescendente, foi parte de um árduo processo de luta empenhado por intelectuais e militantes do movimento negro. No filme *Orí* (1989), o qual recria a trajetória da historiadora sergipana Beatriz do Nascimento, pode se enxergar um pouco desses embates realizados entre as décadas de 70 e 80 que geraram importantes contribuições para a comunidade negra nos mais variados aspectos.

Beatriz do Nascimento (1985) já havia adiantado aquilo que Munanga (1996, p. 58) viria afirmar mais tarde: “O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de língua bantu”. Na visão do pesquisador, o quilombo africano era um agrupamento de guerreiros que aceitavam a inclusão de homens sem distingui-los, cuja inserção, no entanto, estava condicionada a um processo de iniciação. “O quilombo africano, no seu amadurecimento, tornou-se uma instituição política e militar transétnica, centralizada, formada por sujeitos masculinos submetidos a um ritual de iniciação” (Munanga, 1996, p. 58). Para Nunes (2013, p. 10), na “região central da Bacia do Congo, quilombo também significa lugar para estar com Deus”.

Inspirado nessas instituições africanas, os quilombos históricos do Brasil tinham suas próprias características, seus próprios regramentos e suas próprias formas de ser. Moura (1989), se debruça nos quilombos históricos para pensar um movimento pela liberdade que antecedeu em muito o Abolicionismo Liberal. A partir do conceito de quilombagem, Moura (1989) lança luz nesses estados de insurgência onde, segundo o autor, o radicalismo era a tônica da relação com o estado colonial. Em suma, tratava-se de um:

[...] movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos que se verificou durante o escravismo brasileiro em todo o território nacional. Movimento de mudança social provocado, ele foi uma força de desgaste significativa ao sistema escravista, solapou as suas bases em diversos níveis – econômico, social e militar – e influenciou

poderosamente para que esse tipo de trabalho entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre (Moura, 1989, p. 22-23).

O radicalismo que se apresenta em incêndios de estruturas coloniais, emboscadas, assassinatos, envenenamentos, fugas e sabotagens é o sintoma. Quilombos como Palmares e Campo Grande são exemplos de sociedades de extensa duração temporal, que muitas vezes são lidos apenas através da ótica do combate, apenas na sua relação com o colonizador, deixando de privilegiar as interações, relações e comunicações com outros atores, como povos indígenas, negros escravizados e forros, com alto status sociais. Ademais, para além da guerra, analisar os quilombos históricos a partir da ótica da existência é pensar também os seus períodos de paz. São nesses períodos em que construções sociais como filosofias, simbolismos e religiosidades são criados, recriados e reforçados naturalmente, onde a transmissão encontra meios para efetivação (Nascimento, 1974).

As sociedades afrodiásporas, aqui representadas pelos quilombos, guardam traços, memórias, e algumas vezes, estruturas de suas matrizes filosóficas originárias, do mesmo modo em que, a sociedade hegemônica mantém uma estrutura de pensamento de acordo com sua matriz originária do ocidente (Diop, 2014; Ani, 1994; Asante, 2009). A conservação de tais estruturas, muitas vezes opostas, são responsáveis por potencializar e reforçar os distanciamentos. É em resposta a essa distância promovida por concepções distintas de mundo, que a sociedade hegemônica por vezes instaurou processos epistemicídas (Santos, 1999), e é contra esses processos que se instauram os radicalismos na relação já conflituosa.

Na atualidade, no caldo de uma sociedade pluriétnica e repleta de tensões, como é o caso do estado brasileiro, o Quilombo dos Palmares e outros quilombos, a exemplo dos Quilombos do Campo Grande, passam a figurar como objetos de disputa simbólica de pesquisadores acadêmicos, pesquisadores autônomos e ativistas no geral, o que pode ser constatado a partir de Funari (2001). Ao pensar as diferentes interpretações do caso Palmares, o autor se baseia em achados arqueológicos do sítio da Serra da Barriga, como por exemplo, acerâmica que parece apontar para uma heterogeneidade tanto racial, quanto social. Com base em tais evidências, Funari (2001) chama atenção de ativistas e acadêmicos para os problemas de uma interpretação romântica que aponte para homogeneidade e pureza racial advindo de tais comunidades:

Esta evidência não nega a construção de uma identidade específica de

Palmares como comunidade, pois os habitantes tinham uma consciência de estarem em um estado rebelde, o que era o resultado da solidariedade resultante dos ataques coloniais por todo o século XVII. Solidariedade, entretanto, não implica ausência de fricção, divisões ou mesmo contradições internas. Em qualquer caso, a evidência arqueológica reforça a percepção de que Palmares estava longe de ser homogêneo, com hierarquias sociais e conflitos internos, assim como externos (Funari, 2001, P. 32).

O aprofundamento em fontes históricas, arqueológicas, e também na análise social dos desdobramentos antropológicos dos quilombos históricos, tem fomentado o debate em torno do fenômeno quilombo. Por parte dos pesquisadores de descendência africana, as pesquisas em torno desse campo têm um caráter político de combate. No âmbito desses estudos, o enfrentamento dos romantismos, aliado à percepção da continuidade, ajudou, como dito, na ressignificação do conceito de quilombo durante as décadas de 70 e 80 do século passado. É dessas décadas, uma análise mais ampla que questiona, entre outras coisas, a ideia de quilombo ligada tão somente à propriedade da terra ancestral ou a manutenção estática das tradições.

Antes dessa revisão conceitual, no início do século XX, nas historiografias tradicionais, o conceito de quilombo ainda era imbricado pelas colocações do Conselho Ultramarino Colonial, para quem a organização era apenas o reduto de negros fugidos que perdera o seu sentido de ser, desaparecendo das discussões após a abolição da escravidão. Nas décadas de 30 e 40, no Brasil República, o quilombo reaparece a partir das discussões da Frente Negra (Leite, 2000).

Nos estudos desse período, o fenômeno quilombo lança luz sobre os bairros e espaços majoritariamente negros, onde surgiam, por exemplo, escolas de samba, terreiros de Candomblé, grupos de Congada, Maracatu e Folgedos. Esses últimos, mais ligados a uma tradição rural, o que fizeram com que essas organizações fossem pensadas a partir da ideia de um campesinato negro, que viria ajudar a formular mais tarde, o conceito de comunidades tradicionais. Tais comunidades, nos estudos das décadas de 1930 e 1940, eram lidas através de uma lente de atraso constituinte, apresentando-se como espaço onde figurava uma existência simples, pueril e repleta de superstições, que tinha como principal método existencial a repetição (Leite, 2000).

Os quilombos ou as comunidades tradicionais, eram espaços do exótico, do profano e do sagrado, onde a vida corria “em comunhão”, o que ressoava nesses estudos como uma “ausência de conflitos” (Leite 2000, p. 340). Por serem teoricamente atrasadas, se alimentando de tradições remotas para a elite brasileira, tais comunidades

representavam verdadeiras fronteiras para um Brasil moderno e arrojado, um grande problema para aquilo que Ortiz (1995, p. 138) caracteriza como sendo um “discurso homogeneizante”, que objetivava estabelecer uma “memória nacional” e uma “identidade nacional”, buscando dissolver a heterogeneidade na “univocidade do discurso ideológico”, o que tornava urgente o plano de diluição de tais espaços dentro do projeto de nação.

Somente nas décadas de 70 e 80, é que as discussões ganham corpo e maturidade suficiente para influenciar as novas gerações de intelectuais e ativistas, alcançando inclusive, esferas institucionais. É nesse período que são cunhadas novas categorias, conceitos e abordagens que ainda ressoam na atualidade, como por exemplo, a expressão “remanescente das comunidades de quilombos”, que conforme falado, emerge na Assembleia Constituinte de 1988:

[...] não somente dos pleitos por títulos fundiários, mas de uma discussão mais ampla travada nos movimentos negros e entre parlamentares envolvidos com a luta antirracista. O quilombo é trazido novamente a debate para fazer frente a um tipo de reivindicação que, à época, alude a uma “dívida” que a nação brasileira teria para com os afro-brasileiros em consequência da escravidão, não exclusivamente para falar em propriedade fundiária (Leite, 2000, p. 339).

O quilombo é então alçado à condição de fenômeno vivo que não deveria apenas ser lembrado, como uma passagem histórica remota, mas reconhecido e estudado como parte dinâmica e atuante dentro da formação da nação brasileira, uma forma de organização social que Nascimento (1980) classifica como quilombismo. Essa forma de organização, baseada nos sistemas culturais e filosóficos dos povos africanos, é parte de uma cultura forte e que ficou ao nível de uma subcultura porque uma outra cultura assim determinou (Nascimento, 2018).

O Quilombo de Palmares emerge então, como contribuição, como a proposta dos povos africanos para a ocupação territorial do Brasil. Entramos, portanto, no século XXI com um arcabouço teórico orientando às demandas de uma parcela da comunidade negra. Uma cartilha de orientação forjada por pensadores afro-brasileiros contra a subalternização cultural, social e histórica, a qual apresentava pautas diversas, como o reconhecimento dos direitos fundiários dos remanescentes de quilombo e a luta pelo reconhecimento de outras formas de quilombos no âmbito da cidade.

Com a promulgação da Lei nº 10.639/2003, que trata da obrigatoriedade do ensino das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras (Brasil, 2003), e também, com a

inserção de novos atores sociais nas universidades por parte da Lei 12.711/2012, que ficou conhecida como a Lei das Cotas (Brasil, 2012), essas discussões ganharam um novo gás. Ao passo que, diferentes frentes, não necessariamente ligadas às universidades, começam a se organizar paralelamente, questionando e criando alternativas ao projeto homogeneizante, por vezes batendo de frente, por vezes convergindo, por vezes se entrecruzando com o projeto de nação.

O ato de aquilombar-se, ou seja, de organizar-se contra qualquer atitude ou sistema opressivo passa a ser, portanto, nos dias atuais, a chama acesa para, na condição contemporânea, dar sentido, estimular, fortalecer a luta contra a discriminação e seus efeitos. Vem, agora, iluminar uma parte do passado, aquele que salta aos olhos pela enfática referência contida nas estatísticas onde os negros são a maioria dos socialmente excluídos. Quilombo vem a ser, portanto, o mote principal para se discutir uma parte da cidadania negada (Leite, 2000, p. 349).

Dito isso, o quilombo pode ser entendido como o espaço onde subjetividades negras ganham contornos mais expressivos na interação com outros atores sociais. Nesse sentido, mais importante que as novas categorias de análise e os novos olhares dos pesquisadores acerca do quilombo, é a fala dos seus próprios agentes quando se automeiam, se autoidentificam e quando lutam pela gestão independente dos seus espaços conscientes e suas raízes históricas, já que, a importância do quilombo reside justamente na “tentativa de autonomia do negro, de se entender como pessoa” (Nascimento, 2018, p. 137) e de reivindicar a noção de humanidade cooptada pelo colonizador (Fanon, 2008).

Na sua celebrada tese acerca do quilombismo, Abdias do Nascimento (1980) explicita e define, de maneira prática, esse método organizacional herdado dos quilombos, como sendo:

[...] genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochés, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade; dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os ‘ilegais’ foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história (Nascimento, 1980, p. 135).

A conceituação acerca dessa forma de organização, cunhada nas décadas de 70 e 80 do século passado, permanece hodierna até hoje. Na atualidade, diversos atores sociais

utilizam do termo “Quilombo” para nomear seus próprios espaços de convivência e projetos existenciais como: grupos de hip-hop, de poesia marginal, coletivos negros, grupos de pesquisa acadêmica, além, é claro, das já mencionadas “Comunidades Tradicionais”. A utilização do termo reivindica raízes fincadas na história de resistência negra, seja ela política, social, racial ou cultural, apontando para um espaço de autonomia para criação e fruição, onde se reescrevem e se reatualizam os saberes e os legados dos povos africanos (Martins, 1997). Nesse sentido, o quilombo é, portanto, a capacidade de empreender “no nível de uma consciência”, de uma simbologia (RATTS, 2006, p. 56), de reivindicar a humanidade, por meio dos seus próprios critérios, baseados em uma história ocultada e muitas vezes atacada.

“Minha Casa É Um Quilombo”: Heranças diaspóricas

O Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares da cidade de Uberaba – MG é um exemplo dos vários Quilombos Urbanos existentes no Brasil. Vinculado aos círculos das Congadas e participante perpétuo do reinado da cidade de Uberaba-MG, o terno é reconhecido pela sua tradição e pelos seus fundamentos afroreligiosos. O manifestação cultural do moçambique, é uma expressão de origem banta, que se apresenta em forma de dança, tendo por característica o uso de guisos nos tornozelos. Além da dança é possível verificar entre os grupos a circulação de uma filosofia de vida, uma filosofia moçambiqueira.

A manifestação do moçambique como falado anteriormente se constitui no círculo das congadas. Essas por sua vez funcionam como estruturas macro (o termo refere-se ao fato das congadas serem formadas por diversos grupos que guardam diferenças entre si), estruturas culturais e filosóficas transmigradas e reconfiguradas, ressignificadas em solo brasileiro, que tem sua origem entre os povos falantes da língua Banto. Estas são marcadas pela reunião de vários grupos culturais, denominados Ternos, que também podem ser chamados de Bandas ou Guardas.

Os grupos se comportam como nações distintas de: Congos, Moçambiques, Catopés, Marujos, Cacundas e Vilões. Tais grupos, advindos de comunidades urbanas ou rurais, se reúnem em cortejo para louvar os santos de devoção negra, entre eles: Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. No geral, os cortejos culminam na coroação do Rei e da Rainha dos negros. O cortejo, no entanto, pode ser considerado como a parte

Moçambique Zumbi dos Palmares: autodeterminação e empreendimento afrodiaspórico

Maycol Douglas Lima da Silva • Denio Santos Azevedo

“pública” de inúmeras ramificações sociais, culturais e filosóficas, relações complexas que se estabelecem e se constituem durante todo o ano no interior de cada Quartel e que condensam formas de ser, de estar e de ler o mundo. Em outras palavras, uma “cosmopercepção”.

A caracterização do Terno como quilombo, é antes de tudo produto de uma autodeterminação (Mazama, 2009), como pode ser observada na frase que intitula esse tópico, sentença proferida pela Capitã Aline esposa de José Reinaldo, mestre espiritual do Quilombo.

No tocante à organização desse Quilombo urbano, vigora entre os membros a ajuda mútua, a conjunção da força em prol de objetivos comuns (Nascimento, 1980), que podem ser observados em várias ocasiões, como por exemplo: na arrumação do Quilombo na véspera das datas festivas e cerimoniais ou em multirões ante a tragédias como o incêndio ocorrido na sede do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares em 2018. Em alguns casos, a união se dá em torno de rifas, almoços para levantar fundos para membros com problemas de saúde ou financeiro, assim como através da doação espontânea para os donos da casa que acolhem diariamente várias pessoas.

A casa onde a família responsável pela manutenção das tradições do Moçambique residia até 2020 havia sido cedida há alguns anos, mas com a mudança desta para o bairro Boa Vista, o Terno voltou a ser realizado no mesmo bairro onde nascera a décadas atrás. Além de abrigar o Quartel do Moçambique, a casa funciona como centro de Umbanda, de modo que essas instituições (a casa, o Quartel e o centro de Umbanda) se cruzam e estão em permanente diálogo. O primeiro Quartel estava localizado no bairro Jardim Triângulo, em Uberaba/MG, um bairro pouco iluminado e com ruas defeituosas, na periferia da cidade. A casa era murada e o portão quase sempre permanecia fechado, aspecto que não inibia os vários visitantes que chegavam a qualquer hora do dia ou da noite para conversar, pedir conselhos, tomar a benção ou simplesmente tomar um café.

No quintal repleto de refugos, haviam madeiras, latões, telhas, sacos de garrafa pet, um galinheiro improvisado encostado do lado direito, e quase imperceptível, do lado esquerdo de quem entra, rente ao portão, um assentamento de Exu. Mais adiante, do outro lado, um assentamento de Ogum guardando e protegendo o lugar, além de um assentamento de Obaluaê, orixá do dono da casa. Ademais, havia também uma garagem simples feita de folhas de zinco abaulada e decorada com cabaças, espaço no qual aconteciam os ensaios do Moçambique. Fios de estender roupas pendiam da garagem até o muro no fundo do lote. Na parte descoberta, velhos sofás com espuma exposta, bancos

Moçambique Zumbi dos Palmares: autodeterminação e empreendimento afrodiaspórico

Maycol Douglas Lima da Silva • Denio Santos Azevedo

de madeira e muitas cadeiras intercaladas com as plantas ao longo do muro.

As reuniões do Moçambique e cerimônias religiosas da Umbanda aconteciam na área da casa onde fica o altar. Em dias chuvosos, uma lona laranja ajudava a conter os respingos. Antigamente, as sessões de Umbanda, que também são chamadas de Reza, aconteciam na Casa dos Santos, um lugar próprio para este fim. Entretanto, esse espaço sofreu um incêndio há 15 dias do desfile do 13 de maio de 2018. Acompanhei esse processo que mobilizou todos os conhecidos do Quilombo, membros do Moçambique, vizinhos e membros de outros Ternos.

A primeira casa era recuada no canto direito de quem chega, pintada de verde e com alguns cômodos finalizados com compensados. Por ser baixa, pouco ventilada, escura e coberta de telhas brasilitas (telhas de amianto), todos os dias os colchões eram colocados no teto da área para secar ao sol, já que alguns membros dormiam no chão. A umidade e a pouca ventilação contribuíram, ao longo dos anos, para o desenvolvimento de doenças, como bronquites, em alguns membros da família.

A família é composta por seis pessoas, sendo do mais velho para os mais novos: José Reinaldo (68 anos), liderança e conselheiro espiritual do Terno; Aline Alves (esposa do líder), chamada de Madrinha ou Capitã; Wendel Alves (22 anos), primeiro filho de Aline e enteado de José Reinaldo, figurando como Capitão e responsável pelas patangomes. Os outros três filhos são: Ana Clara (14 anos), ajuda a mãe nas tarefas domésticas e nos cuidados com os irmãos pequenos; Enzo (06 anos) e Dandara (05 anos). Sempre presente na casa, encontram-se também Brenda, a namorada de Wendel, junto a seu filho recém-nascido. Em 2021, o casal Wendel e Brenda se mudaram para uma casa de aluguel na mesma rua da nova casa da família.

A fonte de renda da família deriva principalmente da aposentadoria do Ganga Mukixe José Reinaldo e dos seus trabalhos de pedreiro. Já Aline Alves, trabalha informalmente num programa de voluntariado voltado para limpeza das ruas de Uberaba/MG, recebendo uma ajuda de custo pelos serviços prestados. Wendel Alves, até o ano de 2021, complementava a renda da família com trabalhos de garçom e entregador, além de trabalhar em algumas ocasiões como ajudante de pedreiro junto ao Ganga Mukixe José Reinaldo. Em tempos de maior dificuldade financeira, a Capitã Aline organiza a venda de galinhadas e feijoadas aos finais de semana.

Um visitante desavisado teria dificuldades para identificar os moradores da casa, tamanha é a relação estabelecida pelos membros do Moçambique e os integrantes da Umbanda com a família anfitriã. Entre o povo da Congada de Uberaba, observa-se uma

complexa gama de parentescos e também de apadrinhamentos entre os diferentes Ternos.

É importante destacar que os integrantes que adentram o grupo geralmente levam consigo suas famílias, o que reforça o caráter familiar do Terno. Essa consanguinidade, como princípio de agrupamento, é responsável por uma “afinidade atenuada” (Whittem Jr., 1970). Outro modo de acentuar essa afinidade acontece através dos, já citados, apadrinhamentos, que por sua vez, são realizados a partir de um ritual próprio do Terno, classificado como Batismo no Quilombo.

O Batismo no Quilombo pode ser realizado em crianças e adultos, além de reforçar esse caráter familiar, o apadrinhamento busca institucionalizar as relações. Cada criança tem sete casais de padrinhos, os quais não precisam ser heterossexuais, mas precisam assumir o comprometimento com a segurança, a saúde e o futuro das crianças batizadas. O envolvimento de uma gama de pessoas no cuidado com as crianças do Terno, através do apadrinhamento, pode ser lido como um traço herdado dos povos do continente e de suas ramificações, já que para alguns desses povos, as crianças pertenciam a toda a comunidade, que assumia a responsabilidade com os mesmos, para além dos laços sanguíneos (Santos, 2019; Somé, 2007).

A elaboração de um batizado próprio, nomeado pela Capitã Aline (entrevista concedida ao autor em 2019) como “Batismo no Quilombo”, normatizado pelos membros, é uma das principais demonstrações da capacidade desse Quilombo de empreender uma cultura própria (Ratts, 2006). Classificada pelos membros como tradição, sua elaboração é possível graças a uma transcodificação (Hall, 2003) do batismo judaico-cristão. Trata-se, portanto, de uma confluência de mais uma tradição cultural resultante em algo novo que reforça a identidade do grupo, já que seu papel está muito mais ligado à vinculação do que a um rito de passagem.

O edifício espiritual dos moçambiqueiros do Zumbi: leituras de mundo

No primeiro Quartel, a área onde se recebia os visitantes era também espaço onde ocorriam as cerimônias, contando com uma vela sempre acesa no alto e uma variada gama de divindades, orixás, entidades e santos católicos, bem como patuás e adereços do Moçambique e da Umbanda. A Mesa dos Santos, hora chamada de altar, hora chamada de quilombo, funciona como uma parte central da casa, a qual é sempre reverenciada pelos visitantes que chegam, se benzem, às vezes, inclusive, a beijam. Esse sentido

espiritual do termo “Quilombo” é uma criação do Moçambique Zumbi dos Palmares, que reforça essa capacidade de promover empreendimentos a nível de uma cultura (Ratts, 2006).

Nessa cosmopercepção (Oyěwùmí, 2002), o quilombo é entendido, e pode ser representado, por um edifício cilíndrico de dois andares. Esse edifício físico/espiritual é formado pelo encadeamento das forças energéticas vitais dos membros, sejam eles vivos ou mortos (Martins, 1997; Santos, 2019). No primeiro andar, fica a casa sede do Terno, circundada por uma espécie de paliçada espiritual. No andar de cima, ou no “Mundo Superior” (Santos, 2019), fica a residência dos espíritos do povo do Quilombo. A ideia de Quilombo para os moçambiqueiros do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares tem um duplo significado, uma vez que o Quilombo não tem apenas um sentido político mas também um sentido espiritual. Como pode ser observado nas entidades próprias do grupo conhecidas como Quilombeiros, espíritos de pessoas que viveram no quilombo dos Palmares e que retornam ao quartel nas cerimônias com o intuito de trazer cura e fortalecer os membros do grupo a exemplo do Quilombeiro Zumbi recebido pelo dono da casa José Reinaldo sempre que o Terno se prepara para o cortejo da Congada.

O sentido mais invocado pelos moçambiqueiros ao se referirem a congada é o sentido da guerra, nessa estereira necessidade de proteção se configura nos vários elementos do moçambique, como o rosário de Nossa Senhora, por vezes, utilizado para se pensar o círculo protetivo do Quilombo. Figurando como um dos símbolos mais fortes dos congadeiros, o rosário é utilizado por todos os Ternos, e suas contas são feitas, prioritariamente, por sementes de Lágrimas de Nossa Senhora. Para Martins (1997), o rosário de Nossa Senhora foi reinterpretado a partir de referências africanas.

O rosário também simboliza a própria comunidade congadeira, onde cada conta representa um novo integrante. “Nesse processo de substituição, os elementos da terra, as contas-de-lágrimas, são dotados e investidos de novos significados, repondo, por analogia e contiguidade” (Martins, 1997, p. 59). É comum ouvir dos mais velhos, frases como “*esse rosário é feito de muitas contas*”, ou “*o Rosário de Nossa Senhora é um rosário que nunca se fecha*”, por estar sempre recebendo novas pessoas. Nessa analogia, cada conta representa um membro, seja do plano físico ou do plano espiritual, como podemos observar nessa fala do Ganga Mukixe:

Então se ocê vê do portão pra dentro, a energia já é outra, né? Porque esse círculo que a gente faz, né? Porque a gente vai buscar nos nossos antepassados, né? As nossas energias se baseiam neles porque a gente

Moçambique Zumbi dos Palmares: autodeterminação e empreendimento afrodiaspórico

Maycol Douglas Lima da Silva • Denio Santos Azevedo

hoje ainda continua contando a história deles... A gente faz aqui com responsabilidade, não quero nada pra ninguém... A gente só faz o círculo ao redor da gente (Ganga Mukixe José Reinaldo, entrevista concedida ao autor em 2018).

O mundo a partir da visão dos moçambiqueiros enquanto uma espécie de edifício espiritual cilíndrico, tem uma representação singular do tempo, o tempo pode ser representado por dois feixes “espiralares” (Martins, 1997), que partem dos dois andares, um na direção do outro, imbuídos de memórias, ancestralidade e energia vital. O feixe que parte do andar físico incide no andar espiritual, e vice-versa, num processo de retroalimentação. O passado incide no presente e no futuro, do mesmo modo que o futuro incide no presente e no passado, tornando difícil a periodização, a separação dessas temporalidades.

Acerca dos herdeiros das tradições bantas, a exemplo do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares Martins (1997) ao analisar a Congada do Reinado do Jatobá da região de Belo Horizonte (MG) afirma que essas tradições concebem:

o indivíduo como expressão de um cruzamento triádico: os ancestrais fundadores, as divindades e “outras existências sensíveis”, o grupo social e a série cultural. Essa concepção filosófica erige o sujeito como signo e efeito de princípios que não elidem a história e a memória, o secular e o sagrado, o corpo e a palavra, o som e o gesto, a história individual e a memória coletiva ancestral, o divino e o humano, a arte e o cotidiano (Martins, 1997, p. 37).

Essa concepção, enquanto herança cultural, atesta o *continuum* transatlântico, a transmigração das formas de apreender o mundo, de percebê-lo e interpretá-lo (Ratts, 2006), de modo que ao incidir no corpo, por meio da memória ancestral, são explicados os acontecimentos e as materialidades do mundo físico (Ani, 1994).

O sistema de filosofia dos Banto-Kongo nos ajuda a interpretar a forma como os descendentes e herdeiros dos bantos no Brasil leem o mundo e a si mesmos. Para Santos (2019), o sistema dos Banto-Kongo é um sistema complexo de compreensão do mundo, que orienta a comunidade como um todo num grande encadeamento de vivos e mortos, isso porque a morte, nessa perspectiva, não existe de fato, o que existe é a contínua mudança de ciclos, numa mudança que se assemelha ao movimento do sol: “o ser humano é kala-zima- kala, um ser-vivo-de-vida-e-morte. Um ser de movimento ininterrupto” (Santos, 2019, p. 33).

É a consciência dessa força advinda da partilha dentro do círculo, conforme descrito pelo Ganga Mukixe, que torna possível para os seres fraturados pelo racismo e pelo processo da escravidão restabelecer as conexões com suas raízes etéreas (Santos, 2019). O sentido de pertencimento se efetiva quando o membro se reconhece como parte da história e desse sistema filosófico, como quando algum membro recebe do Ganga Mukixe o nome do seu Quilombeiro. O membro passa a se ver como parte de um mesmo encadeamento ancestral e reconhece sua responsabilidade para com a manutenção do grupo:

Uma vez que as relações rompidas são restabelecidas e a “corda” bio-espírita é fortalecida, toda a comunidade irá erguer-se novamente lwimba- ngânga, no plano vertical (Kintombayulu), entre a terra e os céus, e entre o mundo superior e inferior, para comunicar-se tanto com kalunga – a completamente completa energia viva mais elevada (Nzâmbi), quanto com os ancestrais (Bakulu) (Santos, 2019, p. 33).

No penetrar das sabedorias que circundam no quilombo, na partilha dos planos, angústias, objetivos e no mergulho dos rituais, o corpo se abre para as possibilidades de reconstrução subjetiva. O cultivo ancestral dessa força energética, dessa filosofia, dessa raiz africana, dentro do quilombo, é responsável pela investitura dos membros. E para o fortalecimento dessa instituição Quilombo como alternativa ao projeto eurocentrico e ocidental.

Considerações Finais

O quilombo, enquanto empreendimento negro histórico, cultural e atual, é uma das expressões mais fortes da resistência dos povos afrodiaspóricos no Brasil. Apesar das opressões enfrentadas tanto no contexto colonial quanto no contemporâneo, os quilombos demonstram uma notável capacidade de se reinventar, reafirmando suas raízes culturais e sociais. A Constituição Federal de 1988, ao reconhecer os direitos das comunidades remanescentes de quilombos, representou um marco importante, embora os avanços relacionados às reparações históricas e ao fortalecimento dessas comunidades ainda sejam limitados.

O Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, localizado na cidade de Uberaba (MG), exemplifica essa capacidade de resistência e reinvenção. Por meio de suas práticas

Moçambique Zumbi dos Palmares: autodeterminação e empreendimento afrodiaspórico

Maycol Douglas Lima da Silva • Denio Santos Azevedo

culturais, espirituais e organizacionais, o Terno mantém vivas as tradições afro-bantas, enquanto formula filosofias próprias, denominadas filosofias moçambiqueiras. Essas práticas não apenas fortalecem os laços internos do grupo, mas também promovem uma visão crítica e alternativa ao modelo eurocêntrico predominante, reforçando a identidade e a autonomia das comunidades afrodiaspóricas.

Ao longo deste estudo, ficou evidente que os quilombos transcendem seu papel histórico como espaços de fuga e resistência ao escravismo. Eles se consolidam como estruturas dinâmicas que articulam saberes ancestrais e contemporâneos, proporcionando meios de reconstrução subjetiva e coletiva para seus integrantes. O Terno de Moçambique é uma prova viva dessa articulação, onde práticas como o Batismo no Quilombo e a preservação de tradições culturais se entrelaçam com esforços de solidariedade e organização comunitária.

Além disso, a inserção dessas comunidades nos debates sobre cidadania, direitos e políticas públicas se mostra essencial para a construção de um Brasil mais plural e equitativo. Leis como a 10.639/2003 e a 12.711/2012 contribuíram para dar visibilidade a essas questões, mas é necessário que mais ações sejam implementadas para assegurar que os quilombos sejam reconhecidos e respeitados em todas as suas dimensões.

Portanto, o quilombo contemporâneo não é apenas um espaço de memória e tradição, mas um lugar de inovação, resistência e protagonismo afrodiaspórico. O Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares exemplifica como esses espaços podem se tornar verdadeiros epicentros de transformação social, capazes de impactar tanto seus membros quanto a sociedade em geral. Assim, é fundamental que os quilombos continuem a ser estudados, fortalecidos e celebrados como um legado vivo da luta e da criatividade dos povos africanos no Brasil.

Referências

ANI, M. Y. **Uma crítica africana centrada no pensamento e comportamento cultural europeu**. New Jersey: World Press, 1994.

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-111.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Centro Gráfico, 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 jun. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 24 jun. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/ Ato2011-014/2012/Lei/L12711.htm. Acesso em: 24 jun. 2019.

DIOP, C. A. **A unidade cultural da África negra**: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Luanda: Mulemba, 2014.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. EDUFBA, 2008.

FUNARI, P. P. A. Heterogeneidade e conflito na interpretação do Quilombo dos Palmares. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 11-38, jan./jun. 2001.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LEITE, I. B. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 333-354, mai./ago. 2000.

MARTINS, L. M. **Afrografias da memória**: o reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

MAZAMA, A. Afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 118-127.

MOURA, C. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1989.

MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, Dossiê Povo Negro – 300 anos, p. 53-63, 1996.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, B. Por uma história do homem negro. **Revista de Cultura Vozes**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p. 41-45, set. 1974.

NASCIMENTO, B. O conceito de Quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodiáspora**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 6, p. 41-49, jan./dez. 1985.

Moçambique Zumbi dos Palmares: autodeterminação e empreendimento afrodiaspórico

Maycol Douglas Lima da Silva • Denio Santos Azevedo

NUNES, J. C. **Comunicação quilombola**: cenários de mobilização, visibilidade e empoderamento. 2013. 136 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

OYĚWÙMÍ, O. Visualizing the body: western theories and African subjects. In: COETZEE, P. H.; ROUX, A. P. J. (eds.). **The African philosophy reader**. New York: Routledge, 2002, p. 391-415.

RATTS, A. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de Beatriz do Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

SANTOS, B. S. **Pelas mãos de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SANTOS, T. S. N. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau**: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. 2019. 234 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pós-graduação em Letras, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOMÉ, S. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2007.

STEDILE, J. P. **A questão agrária no Brasil 1**: debate tradicional (1500-1960). 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

Informações dos autores

Maycol Douglas Lima da Silva. Doutorando em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB).

Contribuição de autoria: autor.

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8378127523210960>

Denio Santos Azevedo. Doutor em Sociologia (PPGS/UFS), Grupo de Pesquisa Antropologia e Turismo (ANTUR/UFS), docente da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Contribuição de autoria: coautor.

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6557192972315284>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

SILVA, Maycol Douglas Lima da; AZEVEDO, Denio Santos. Moçambique Zumbi dos Palmares: autodeterminação e empreendimento afrodiaspórico. **Perspectivas e Diálogos**: Revista de História Social e Práticas de Ensino, Caetité, vol. 7, n. 14, 2024, p. 66-84.